

Calabi diz que é "terrorismo"

BRASÍLIA — O secretário do Tesouro, Andréa Calabi, classificou de "terrorismo" as especulações sobre uma possível desvalorização da dívida pública interna, semelhante ao desconto que o governo pretende obter sobre a dívida externa. Essa hipótese foi levantada pelo presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo Rocha Azevedo, no seminário sobre privatização realizado anteontem no Rio de Janeiro.

Rocha Azevedo referiu-se a "um golpe" contra as Letras do Banco Central (LBC), nas quais está lastreada parte da dívida interna do governo. "Não existe nada disso. Não existem estudos, eu nego peremptoriamente", disse Calabi. Segundo ele, "a mera menção ou boato sobre esse assunto é um ato criminoso do ponto de vista das finanças públicas".

Cada vez que esse boato surge, disse

Calabi, o efeito imediato é uma alta das taxas de juros, que aumenta o custo da dívida mobiliária interna do Tesouro. E deu um exemplo: se as declarações de Rocha Azevedo provocarem um impacto de 0,1% sobre os juros da dívida pública interna em poder do público — que é de CZ\$ 1,3 trilhão hoje — o Tesouro terá um aumento de custos da ordem de CZ\$ 1,3 bilhão. A dívida interna total, incluindo os títulos em carteira no Banco Central, soma CZ\$ 2,4 trilhões, segundo Calabi.

O secretário explicou que o boato embute um deságio (desconto) correspondente ao componente de risco derivado do próprio boato, o que leva ao aumento dos juros da dívida interna. Atribuiu os boatos "à insensatez do observador que, empolgado pela discussão da dívida externa, quis fazer uma relação indébita com a dívida interna".